

EDITORIAL

A Magma apresenta novo volume com algumas das atividades ocorridas ao longo de 2022 no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (DTLLC/USP). A revista também conta com contribuições externas, incorporadas à seção Tema livre.

Neste novo número de *Magma*, apresentamos uma publicação com modificações importantes, deliberadas nos últimos meses pela comissão editorial. Ao lado da já tradicional seção *Ensaio de curso*, que traz à tona textos produzidos recentemente no DTLLC/USP, uma espécie de panorama do que acontece em nosso departamento, sentimos a necessidade de estabelecer outra fonte de captação do pensamento crítico nacional, vindo, é claro, de diferentes instituições. Com isso, inauguramos a seção *Tema livre*, responsável pela seleção de artigos os mais variados. Esperamos, com isso, consolidar a pequena parcela de contribuição de *Magma* aos estudos literários brasileiros.

A primeira seção da revista apresenta uma entrevista com o escritor, quadrinista e ator Lourenço Mutarelli, conduzida por Joaquim Ferreira Mendes Neto. Um dos artistas brasileiros de destaque neste primeiro quarto de século, Mutarelli se notabilizou justamente pela atuação em diferentes frentes, algo que certamente se refletiu em sua literatura de estilo inconfundível. Nesta entrevista, realizada no formato online em meio ao contexto de pandemia, o autor relata, dentre outras coisas, o processo de criação do romance *O livro dos mortos*, publicado em 2022. Trata-se de um “livro difícil”, como o próprio autor o define, na medida em que procura captar, no nível estrutural, a complexidade do momento de isolamento e mortandade generalizada, algo ainda vivo na memória coletiva. Para além disso, Mutarelli discorre de maneira bastante desprendida e bem-humorada sobre as suas influências artísticas e curiosidades de ofício, como o processo de adaptação cinematográfica de suas obras.

Na sequência, na seção *Tema livre*, são apresentados nove artigos. No primeiro deles, intitulado “Estranho retrato de uma família irreconhecível: mutabilidade, fotografia e memória num poema de Carlos Drummond de Andrade”, Adriano de Paulo Rabelo analisa o complexo poema “Retrato de família”, presente no livro *A rosa do povo* (1945). Na leitura proposta, o

texto articula elementos dispersos no poema, tais como a imagem fotográfica como ponto de partida para o eu lírico ativar sua memória familiar e as questões filosóficas implícitas nesse movimento bastante simbólico.

Lara Cammarota Salgado, em “O ouriço, Odradek e a experiência poemática”, parte de um princípio estruturante da revista italiana *Poesia para reler* dois textos e, ao mesmo tempo, enquanto os relê, reinterpreta-os mediante outro matiz teórico. Apresentando “Preocupações de um pai de família”, de Kafka, e “Che cos’è la poesia?”, de Derrida, os argumentos em torno da natureza da resposta à pergunta “Afinal, o que é a poesia?” passam por outra matização, tendo em mente o conceito de mediação editorial, de Roger Chartier; ao mesmo tempo, a natureza enigmática de ambas as produções escolhidas retorna e é revista a partir do conceito de contra-assinatura derridiana, que perpassa a argumentação da autora, para terminar em uma espécie de manutenção do infinito não taxativo, seguindo a aporia pela qual ambos se demoram.

Em “Espacialidade e estetização no romance *10:04*, de Ben Lerner”, Matheus Camargo Jardim faz uma leitura desta obra publicada em 2014, cujo enfoque está no processo de reificação e mercantilização do natural. Para Jardim, o processo de estetização, isto é, de fazer do elemento natural (inclusive fisiológico) uma experiência vendável, é o alvo da crítica e ironia de Lerner, ao expor uma lógica comercial que abarca tudo: natureza, humanidade, cultura, espacialidade e mesmo a própria história. Expõe-se, assim, um fio condutor que atravessa toda a narrativa, a ideia de que a estetização “representa a corrente elétrica pela qual flui a energia do capital financeiro”.

Em “A mentira e a autobiografia: formas da crítica, formas da ficção”, Gabriel Martins da Silva tenta retomar uma discussão que, ao longo da argumentação, transformar-se, bifurca-se, assume diferentes pontos enquanto une o conceito de autobiografia, assim como uma tentativa de releitura da gênese do conceito, aos traços e aos caminhos próprios de Silviano Santiago de maneira dupla: em sua “face” de autor literário e a de teórico da literatura. A mentira, enquanto estatuto da própria concepção de arte para Deleuze e Nietzsche, inverte até a chance de se pensar a inversão dicotômica entre verdade e mentira, enredando uma argumentação a (re)apresentar o

crítico brasileiro, ao mesmo tempo em que se analisam diversas obras a partir do prisma teórico discutido.

Em “Presas e sedução: monstrosidade e desejo em *La Morte Amoureuse*, de Théophile Gautier, e *Carmilla*, de Sheridan Le Fanu”, Alanis Zambrini mergulha na leitura de dois clássicos da narrativa sobre vampiros. A pesquisadora busca compreender como a monstrosidade é construída à luz de uma noção moral, ao mesmo tempo que revela uma oposição entre o fascínio e o desejo que tal figura gera no imaginário coletivo. Com isso, Zambrini busca estabelecer uma pequena genealogia da figura do vampiro na cultura ocidental.

Na sequência, no artigo “Moldura e imagem dialética em ‘Uma faca só lâmina’”, Lucas Vinicius Vebber Cardenas constrói uma instigante e erudita análise do hermético poema de João Cabral de Melo Neto. Para tanto, vale-se do conceito de “emolduramento”, próprio da bibliografia especializada no autor, para demonstrar como o poeta estabelece uma dinâmica de tensionamento formal justamente no ponto de convergência entre linguagem e realidade. A este procedimento estético, o autor do ensaio chama de lógica da imagem dialética.

Em “Performance e testemunho: linguagem, corpo e memória em *Um corpo à deriva*, de Edimilson de Almeida Pereira”, Inês Oliveira investiga como o livro estabelece uma relação entre os personagens negros e a história do país, de modo a elaborar uma linguagem própria, “capaz de produzir um lugar subjetivo para os personagens e a experiência do corpo”. Esse novo espaço inesperado da linguagem aproxima-se justamente da noção de performance.

Em “A presença feminina na literatura medauariana: ‘O facão’ e os temores da mulher não canonizada”, Rebeca Silva Rosa e Cristiano Augusto da Silva apresentam um processo de deslocamento da perspectiva da mulher na representação da literatura sul-baiana. Consagrada, sobretudo, na figura de Jorge Amado e seu retrato do cotidiano ilheuense e itabunense, o retrato da mulher sul-baiana ficou majoritariamente condicionada ao olhar masculino. No conto “O facão” (1975), de Jorge Medauar, essa perspectiva é substituída por um novo ponto de vista, isto é, o da mulher,

dando protagonismo a “uma personagem pobre e afastada do domínio dos coronéis de cacau”, o que “contribui para uma discussão mais ampla” e mais complexa “acerca da temática da mulher na literatura sul-baiana do século XX”, como definem os autores.

Nessa mesma esteira, chegamos a “Olhar-se e tocar-se, olhar e tocar, ser olhado e ser tocado”, texto em que Ana Magalhães apresenta uma leitura comparativa de duas narrativas escritas por mulheres: *Mulher no espelho* (1985), de Helena Parente Cunha, e *Las ninfas a veces sonríen* (2013), de Ana Clavel. Tendo em comum o autoerotismo feminino, a autora discute, à luz das duas tramas, a transgressão da representação do corpo da mulher e seu desejo sexual (sob a forma da masturbação) no campo literário.

*

Na já conhecida seção *Ensaaios de curso*, apresentamos seis ensaios produzidos ao longo de 2022. Iniciamos com “Podem as coisas falar? De uma tela de Rembrandt a um poema de Montale”, de Luís Felipe Ferrari. O texto se divide em dois momentos: 1) a análise do quadro “Natureza-Morta com Dois Pavões Mortos e uma Garota” (1639), de Rembrandt e 2) apontamentos de alguns poemas — sobretudo de “Fim da Infância” — da coletânea *Ossos de Sépia* (1925), de Eugenio Montale. Ao articular a montagem dos objetos nas obras, Ferrari discute as funções que a éfrase — em sua face pictórica e literária — é capaz de desempenhar e como a sua manipulação pode atender a objetivos distintos na obra de arte. Para o autor, “ambas são obras que dão às coisas uma importância central, [...] [, mas] o que em Rembrandt é [...] um efeito da atenção que o artista dirige a um ou dois objetos privilegiados, tornou-se em Montale o modo natural de encarar a existência: o homem rodeado por coisas”.

Na sequência, em “Escrita a contrapelo: detalhes menores e a busca pela memória soterrada”, Matheus Menezes analisa o romance *Detalhe menor* (2016), de Adania Shibli. Escritora contemporânea palestina, Shibli denuncia, em sua narrativa, as mazelas sofridas pelo povo palestino desde a Limpeza Étnica da Palestina (*Nakba*), de 1948, até os dias atuais — infelizmente, muito atuais. Ao espelhar a história de duas mulheres, com uma

diferença temporal de mais de trinta anos, a autora reforça o apagamento cíclico da identidade desse povo ao não as nomear. Em seu trabalho, Menezes guia o leitor por uma série de episódios do romance que revelam um sistema programático de extermínio da memória palestina por parte de seus algozes, os israelenses. A ciclicidade também aparece nos destinos dessas duas mulheres, que, apesar dos anos, têm destinos iguais. Ao mesmo tempo que apresenta a trama do romance, o autor arma os nós de sua urdidura crítica de maneira clara e bem argumentada.

Em “Trauma e memória em *Por escrito*, de Elvira Vigna”, Lúcia Helena do Nascimento apresenta Valderez — protagonista do romance de Vigna —, que, presa em uma espiral de histórias incompletas, se vê obrigada a preenchê-las. Segundo Nascimento, embora a personagem busque o factual, a fim de preencher as lacunas da própria vida, ela acaba envolta em uma série de detalhes que se confundem entre o fato e a ficção, o que gera uma narração ambígua e uma trama incerta. É a partir de “fatos traumáticos de sua vida”, portanto, que a protagonista “vê, na escrita, a possibilidade de reorganização e reflexão sobre as lacunas e vazios que compõem sua história”.

Em “Violência e viola: Torquato Neto entre canção e poema”, a partir da duplicidade da interpretação do que pode ser o conceito de voz, entre os estudos literários e os da canção, no próprio limiar de um e outro, Zeno Queiroz interpreta quatro textos de Torquato Neto. Nesses textos, o poeta indicara dois deles como musicalizados e dois feitos “para o livro”. Queiroz então investiga como há certa maneira de entender a produção torquatiana não como polos diferentes, mas sim zonas cinzentas de comunicação que revelam um projeto literário maior, embebido de entrecruzamentos que resultam exatamente em seu projeto artístico: o homem e a sua hora, pelo olho e pelo ouvido.

No ensaio “Cicatriz que faz lembrar: um espectro autobiográfico em *O homem duplicado*, de José Saramago”, Soraia Noronha mergulha numa das linhas mais profundas e difíceis dos estudos saramaguianos: a relação entre história e ficção, particularmente na reelaboração literária da própria experiência biográfica do autor. Ao destrinçar esse

procedimento complexo, a autora decifra as referências que constantemente integram a literatura de José Saramago.

Por fim, em “Esboço sobre questões de Contemporaneidade e Autoria na obra de Valêncio Xavier”, Bruno Horemans nos apresenta uma análise marcada pela exploração da literatura em seus limites composicionais. Segundo o autor, a obra de Valêncio Xavier é formada pelo embate contemporaneidade (em sua indefinição) *versus* a questão da autoria — o poeta como o responsável pela manipulação e organização do material previamente estabelecido, a vida em si. E é precisamente “da seleção de materiais [...] que vem a alma da obra de Valêncio Xavier”. Para Horemans, a obra de Xavier “opera um jogo encenado entre ‘memórias subjetivas’ e ‘referenciais objetivos’”, estabelecendo um “critério” de autenticidade, que será submetido à idiossincrasia do artista.

*

Encerramos esta edição de Magma com a seção *Tradução*. Fernando Bufalari é o tradutor de “Literatura ‘de sensação’”, texto de 1861 e autoria anônima, publicado na revista *Saunders, Otley & Co.’s The Literary Budget*. O texto aborda um subgênero literário que surgia à época na literatura inglesa, para o qual, segundo Bufalari, “a crítica não possuía um termo específico para se referir”. Eram narrativas que trabalhavam com a intensidade, cuja trama não era pensada em sua urdidura como obra de arte, mas como veículo de propagação de certo estímulo. Para provar seu ponto, o autor questiona se esse tipo de narrativa seria capaz de ser lida duas vezes pela mesma pessoa. Trata-se, portanto, não apenas de uma literatura que provoca “sensação”, mas a sensação é experimentada uma única vez, já que ela não abre camadas de sentido que propiciem uma nova experimentação artística da obra. Em suma, uma narrativa que “não poderia gerar uma segunda pulsação; sua ‘sensação’, uma vez sentida ou antecipada, se vai para sempre [...]. É uma casca de ovo, um jornal de ontem, uma laranja chupada, uma pilha de folhas secas no outono, um almanaque do ano passado, sal sem sabor”. O autor indica ainda o próprio aceleração do cotidiano moderno como a fonte dessa literatura, que, por sua vez, também “se acelerou” para garantir lugar na modernidade.

Em seguida, apresentamos a tradução de três poemas de Emily Brontë. Conhecida no Brasil sobretudo por seu romance *O morro dos ventos uivantes*, trata-se de uma autora cuja escrita lírica não foi ainda apreciada como merecido. Nesse sentido, a tradução de Júlia Mota Silva Costa, estudiosa da obra da autora inglesa, oferece ao público brasileiro três instigantes poemas: *À imaginação (To Imagination)*, *Vejo em torno de mim lápides cinzas (I see around me tombstones grey)* e *Não mais te inspirará a Terra (Shall Earth no more inspire thee)*.

Na sequência, apresentamos o conto “O dente do ancinho” (*La pua de rampí*, em catalão), de Victor Català — pseudônimo de Caterina Albert i Paradís —, texto traduzido por Raquel Siphone. Ambientada na zona rural do Empordà, a narrativa tem como mote a denúncia da violência cíclica e recorrente contra a mulher.

Por fim, Alexander Barutti Azevedo Siqueira apresenta o conto “A tempestade”, de Kate Chopin. O conto data de 1898 e propõe uma narrativa baseada num fragmento do cotidiano, ao estilo da conhecida “Quadrilha” drummondandradiana.

Desejamos ao público uma boa leitura!

Comissão Editorial da 